

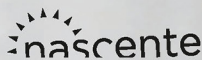
A GATA DO DALAI LAMA E A ARTE DE RONRONAR

Uma gata especial
que nos mostra o que é a felicidade

⇒ *Romance* ⇐



DAVID MICHIE

nascente

Errar é humano, ronronar é felino.

Robert Byrne

Prólogo

Ah! Finalmente está aqui, embora tenha demorado algum tempo, devo dizê-lo, se não se importa! Tenho uma mensagem para si, caro leitor. Não se trata de uma mensagem banal nem tão-pouco oriunda de uma pessoa qualquer. Mais importante ainda, diz respeito à sua felicidade pessoal mais profunda.

Não precisa de se virar para ver quem está atrás de si, nem sequer para os lados. Esta mensagem é mesmo dirigida a *si*.

Não é toda a gente que tem a oportunidade de ler estas palavras — apenas uma minoria muito diminuta de seres humanos alguma vez o fará — nem deve acreditar que o facto de as estar a ler neste momento particular da sua vida se trata de um acontecimento fortuito. Apenas quem tem um karma muito específico verá revelado o que estou prestes a dizer — os leitores que têm comigo uma ligação particular.

Ou deverei dizer *nós*?

Há que perceber que eu sou a gata do Dalai Lama, e a mensagem que tenho para si vem nada mais, nada menos de Sua Santidade.

Como posso eu afirmar tal coisa? Terei perdido completamente o juízo? Se permitir que me enrosque no seu colo metafórico, passarei a explicar.



A determinada altura, praticamente todos os amantes de gatos enfrentam um dilema: como contar ao seu companheiro felino que estão de partida? E não apenas durante um fim de semana prolongado.

O *modo* como os seres humanos comunicam a notícia da sua ausência iminente é assunto de grande preocupação para os gatos. Alguns de nós gostamos de ser avisados com bastante antecedência, para nos prepararmos mentalmente para a mudança na rotina. Outros preferem que a notícia caia do céu, como o voo abrupto e não anunciado de uma pega irritada durante a época de nidificação: no momento em que se apercebem do que está prestes a acontecer, já aconteceu.

Curiosamente, os membros da nossa equipa parecem ter um sentido inato e agem em conformidade, alguns falando docemente com o seu felino durante semanas antes da partida, outros tirando do armário a temida caixa transportadora sem qualquer aviso prévio.

Na verdade, eu estou entre os gatos mais afortunados, porque quando o Dalai Lama viaja, a rotina doméstica aqui em Namgyal mantém-se praticamente a mesma. Continuo a passar parte do dia no parapeito da janela do primeiro andar, o ponto ideal de observação que me permite o máximo de vigilância com o mínimo de esforço, e algum tempo no escritório dos assistentes de Sua Santidade, na maior parte dos dias. E depois há o meu passeio regular de curta distância pelos arredores e as deliciosas tentações do Café-Livraria Himalaias.

Ainda assim, quando Sua Santidade não está, a vida não é a mesma. Como posso eu descrever o que é estar na presença do Dalai Lama? Muito simplesmente, é extraordinário. A partir do momento em que o Dalai Lama entra numa sala, cada ser nela presente é tocado pela sua energia de profunda felicidade. Seja o que for que está a acontecer na sua vida, qualquer que seja a tragédia ou perda que enfrente, na presença de Sua Santidade experimenta-se a sensação de que tudo está verdadeiramente bem.

Para quem nunca sentiu isto antes, é como ser despertado para uma dimensão de si mesmo que sempre existiu, correndo como um riacho subterrâneo, sem nunca antes ter sido detetado. Conectado novamente a esta fonte, não só sente uma paz e um bem-estar profundos no âmago do seu ser, como também é possível captar por momentos um vislumbre da sua própria consciência — radiante, ilimitada e imbuída de amor.

O Dalai Lama vê-nos como realmente somos e projeta a nossa verdadeira natureza. É por isso que tantas pessoas se comovem completamente na sua presença. Já vi homens importantes, nos seus fatos escuros, chorarem só por ele lhes ter tocado no braço. Os líderes das grandes religiões do mundo fazem fila para o conhecer e voltam a juntar-se à fila para se apresentarem uma segunda vez. Vi pessoas em cadeiras de rodas chorarem de alegria quando ele atravessou uma multidão para as cumprimentar. Sua Santidade lembra-nos do melhor que podemos ser. Haverá maior dádiva?

Assim, o caro leitor compreenderá que, apesar de eu continuar a desfrutar de uma vida de privilégios e conforto quando o Dalai Lama viaja, prefiro quando ele está em casa. Sua Santidade sabe disso, tal como reconhece que sou um felino que prefere saber quando ele se vai ausentar. Quando um dos seus assistentes — o jovem Chogyal, um monge rechonchudo que

o ajuda com os assuntos monásticos, ou Tenzin, um diplomata experiente que o ajuda com as questões mundanas — lhe apresenta uma solicitação que implica uma viagem, Sua Santidade levanta o olhar e diz algo como: «Dois dias em Nova Deli no final da próxima semana.»

Eles podem pensar que o Dalai Lama está a confirmar a visita. Na realidade, a afirmação é especificamente para *meu* benefício.

Nos dias que antecedem uma ausência mais prolongada, ele relembra-me a viagem visualizando o número de períodos de sono — ou seja, noites — em que estará ausente. E na última noite antes da sua partida, faz questão de passar algum tempo de qualidade a sós comigo, apenas os dois. Nesses poucos minutos, conversamos intimamente de uma forma profunda, apenas possível entre gatos e os seus companheiros humanos.

O que me traz novamente à mensagem que Sua Santidade me pediu que lhe transmitisse. Trouxe-a à baila na noite anterior a uma viagem de sete semanas pelos Estados Unidos e Europa — o período de tempo mais longo em que estivemos afastados. Quando o crepúsculo caía sobre o Vale de Kangra, o Dalai Lama levantou-se da sua secretária, caminhou em direção ao lugar onde eu descansava no parapeito da janela e ajoelhou-se ao meu lado.

— Tenho de partir amanhã, minha Leoa das Neves — disse ele, olhando profundamente dentro dos meus olhos azuis ao usar o seu termo afetuosamente preferido. É um termo que me deleita, pois os tibetanos consideram o leão das neves um ser celestial, símbolo de beleza, coragem e alegria. — Sete semanas é mais tempo do que o habitual. Sei que gostas que eu esteja aqui, mas há outros seres que também precisam de mim.

Levantei-me e, esticando as patas à minha frente, espreguicei-me longamente antes de um grande bocejo.

— Que boca rosada tão bonita — disse Sua Santidade, sorrindo. — Fico contente de ver que os teus dentes e gengivas estão em bom estado.

Aproximando-me, dei-lhe uma marradinha afetuosa na testa.

— Oh! Dás-me vontade de rir! — disse ele. Permanecemos ali, testa com testa, enquanto os seus dedos deslizavam pelo meu pescoço. — Vou ausentar-me durante algum tempo, mas a tua felicidade não deve depender da minha presença. Podes continuar a ser muito feliz.

Massajou com a ponta dos dedos atrás das minhas orelhas, mesmo como eu gosto.

— Talvez penses que a felicidade vem de estares comigo ou da comida que te dão no café — Sua Santidade não tinha ilusões sobre o motivo pelo qual eu era uma cliente regular do Café-Livraria Himalaias —, mas tenta descobrir por ti própria a *verdadeira* origem da felicidade durante as próximas sete semanas. Quando eu regressar, podes contar-me o que descobriste.

Suavemente e com profundo carinho, o Dalai Lama tomou-me nos seus braços, ficando de frente para a janela aberta com vista sobre o Vale de Kangra. A paisagem era magnífica: o vale sinuoso e verdejante, as florestas ondulantes de folhagem perene. Ao longe, os cumes gelados dos Himalaias brilhavam ao sol do entardecer. A brisa suave, flutuando através da janela, estava impregnada de pinho, rododendro e carvalho; o ar agitava-se de encanto.

— Hei de revelar-te as verdadeiras causas da felicidade — sussurrou ele ao meu ouvido. — Uma mensagem especial só para ti e para aqueles com quem tens uma ligação kármica.

Comecei a ronronar, e rapidamente o volume do meu ronronar subiu até ao som gutural e constante de um pequeno motor.

— Sim, minha pequena Leoa das Neves — continuou o Dalai Lama —, queria que investigasses a arte de ronronar.



Capítulo Um

Caro leitor, alguma vez se impressionou com a forma como uma decisão aparentemente trivial pode, por vezes, conduzir a eventos transformadores? Toma uma decisão que crê ser banal, uma opção típica do quotidiano, e esta acaba por ter resultados tão drásticos quanto imprevisíveis.

Foi exatamente o que aconteceu numa tarde de segunda-feira em que decidi seguir pelo chamado passeio panorâmico, em vez de ir do Café-Livraria Himalaias diretamente para casa. Não tinha feito aquele trajeto muitas vezes, pelo simples facto de não ser na realidade muito panorâmico — ou mesmo um verdadeiro passeio. Está mais para uma viela humilde que corre ao longo do Café-Livraria Himalaias e dos estabelecimentos adjacentes.

É, contudo, um caminho para casa mais comprido, pelo que sabia que demoraria dez minutos a percorrê-lo, em vez dos habituais cinco que levava no regresso a Namgyal. Porém, depois

de passar a tarde a dormir na prateleira das revistas do café, senti que precisava de esticar as pernas.

Assim, quando cheguei à porta de entrada, em vez de virar à direita, enveredei pela esquerda. Ao passar pelas portas laterais do café, virei novamente à esquerda e caminhei pela viela apertada usada para os contentores do lixo, impregnada de restos de comida e de aromas irresistíveis. Continuei o meu caminho, um pouco vacilante, pois as minhas patas traseiras sempre foram fracas, desde gatinha. Parei uma vez para inspecionar um objeto intrigante, castanho e prateado, alojado debaixo do portão de trás do café, para descobrir que era apenas uma rolha de champanhe que tinha ficado presa na grade.

Foi quando me preparava para virar novamente à esquerda que tomei consciência do perigo pela primeira vez. A cerca de 20 metros de distância, na rua principal, avistei dois dos maiores e mais ferozes cães que alguma vez tinha encontrado. Estranhos na zona, eram uma presença ameaçadora, de narinas inflamadas e pelo longo, ondulando na brisa da tarde.

Pior de tudo, estavam sem trela.

Em retrospectiva, naquele momento eu devia ter recuado para a viela e escapado pelo portão de trás do café, onde estaria completamente segura por trás das grades, suficientemente largas para mim, mas demasiado estreitas para aqueles monstros.

No exato momento em que me questionava se teriam dado pela minha presença, viram-me e começou imediatamente a perseguição. Com o instinto a funcionar, virei rapidamente à direita e corri tão depressa quanto os meus membros pouco fiáveis me permitiram. De coração acelerado e pelo em pé, corri desesperadamente em busca de refúgio. Naqueles breves momentos carregados de adrenalina, sentia-me capaz de chegar a qualquer lugar e de fazer qualquer coisa, quer fosse subir à árvore mais alta ou espremer-me através da fenda mais estreita.

Porém, não havia nenhuma escapatória, nenhum território seguro. O latido cruel dos cães tornava-se mais audível à medida que ganhavam terreno atrás de mim. Em absoluto pânico, e sem mais hipóteses de fuga, corri para uma loja de especiarias, pensando que talvez conseguisse encontrar algum lugar seguro para onde subir ou, pelo menos, despistar os cães para longe do meu odor.

A pequena loja estava forrada de caixas de madeira sobre as quais se dispunham cuidadosamente tigelas de bronze com especiarias. Várias mulheres de idade, que moíam em almofarizes que tinham ao colo, soltaram gritos de comoção quando passei a correr pelos seus tornozelos, a que se seguiram sopros de indignação quando os cães, sedentos de sangue, passaram atrás de mim.

Ouvi um som metálico contra o cimento, enquanto as tigelas tombavam. Nuvens de especiarias explodiam no ar. Correndo em direção à parte de trás da loja, procurei uma prateleira para onde pudesse saltar, mas apenas encontrei uma porta firmemente fechada. Contudo, havia uma fresta entre duas caixas suficientemente larga para a conseguir atravessar. Atrás dela, em vez de uma parede, havia apenas uma lona de plástico rasgada e, para lá dela, uma viela deserta.

Enfiando as grandes cabeças na fresta entre as caixas, os cães lançaram-se num frenesim de latidos. Aterrorizada, analisei rapidamente a sarjeta: ia dar a um beco sem saída. A única alternativa era regressar à estrada.

De dentro da loja de especiarias vieram latidos queixosos quando as mulheres zangadas agarraram nos dois patifes. Com o meu pelo branco e habitualmente brilhante polvilhado de especiarias de todas as cores, avancei ao longo da sarjeta em direção à estrada e corri tão rapidamente quanto era capaz. Porém, o caminho era um declive, ligeiro, mas castigador. Ainda que usasse todas as forças do meu ser, os meus esforços de pouco valiam. Lutando para me afastar dos cães tanto quanto podia, procurei

por um lugar, em qualquer parte, que me oferecesse proteção, mas apenas via montras de lojas, paredes de cimento e portões de ferro impenetráveis.

Atrás de mim, o alvoroço de latidos continuava, acompanhado agora pela gritaria zangada das mulheres da loja de especiarias. Virei-me e vi-as a expulsar os cães da loja, batendo-lhes nos flancos. Desesperados e de língua de fora, as duas bestas de baba sentiam o pavimento da rua, enquanto eu continuava a lutar inclinação acima, na esperança de que o fluxo de automóveis e peões escondesse o meu paradeiro.

Porém, não havia escapatória.

Em pouco tempo, as duas bestas captavam o meu odor e retomavam a perseguição. O seu rosnar feroz encheu-me de puro medo.

Tinha ganhado algum terreno, mas não era suficiente. Não demoraria muito até as duas bestas me alcançarem. Ao chegar a uma propriedade de paredes altas e brancas, vi uma treliça de madeira ao lado de um portão preto de ferro. Nunca antes teria sequer considerado o que fiz a seguir, mas que outra opção tinha eu? Apenas a alguns segundos de ser atacada pelos cães, saltei para a treliça e comecei a subir por ela acima, tão rapidamente quanto as minhas pernas cinzentas felpudas me permitiam. Dando grandes guinadas, arrastei-me para cima, pata ante pata.

Tinha acabado de chegar ao topo quando os animais se aproximaram. Por entre um frenesim de latidos, atiraram-se contra a treliça. Ouviu-se o estalido da madeira do entrelaçado que se rompia e a parte superior ficou pendurada, afastada da parede. Se eu ainda estivesse na treliça, teria dado por mim a baloiçar sobre as mandíbulas escancaradas dos cães.

De pé, em cima do muro, olhei para os dentes arreganhados e tremi com os grunhidos de gelar o sangue. Era como olhar diretamente na cara de seres do reino dos infernos.

O frenesim maníaco continuou até os cães serem distraídos por um outro cão que lambia algo no pavimento mais abaixo. Ao correrem em direção a ele, os animais foram interrompidos por um homem alto num casaco de *tweed* que os agarrou pelas coleiras e lhes colocou trelas. Quando se debruçava sobre eles, ouvi o comentário de um transeunte:

— Bonitos labradores!

— *Golden retrievers* — corrigiu o homem. — Jovens e fogosos, mas — acrescentou ele, dando-lhes palmadas afetuosas — animais adoráveis.

Animais adoráveis? Teria o mundo inteiro enlouquecido completamente?



Demorou uma eternidade até o meu coração voltar a bater de uma forma relativamente normal, e só nessa altura é que a realidade da minha situação se manifestou. Ao olhar em volta, não conseguia encontrar nenhum ramo, saliência ou escapatória de qualquer espécie. O muro onde eu estava tinha um portão numa extremidade e era completamente vertical na outra. Estava prestes a levantar a pata em direção à boca, para proceder a uma limpeza indispensável e revigorante da minha cara manchada de especiarias, quando captei a lufada de algo tão pungente, que me fez parar instantaneamente. Bastaria uma lambidela e sabia que ficaria com a boca em chamas. Era o fim da picada. Ali estava eu, presa sobre um muro alto e desconhecido, e não podia sequer lavar-me!

Não tinha outra alternativa que não ficar onde estava e esperar que algo acontecesse. Em grande contraste com todo o tumulto que sentia, a propriedade no lado de dentro do muro era a verdadeira imagem da serenidade, como as Terras Puras dos Budas

de que tinha ouvido os monges falar. Por entre as árvores, conseguia ver um edifício grande, imponente, rodeado de relvados e jardins repletos de flores. Desejei estar naqueles jardins ou a deambular pelo terraço — era mesmo o tipo de lugar onde me encaixaria. Se alguém dentro daquele belo edifício visse a leoa das neves em cima do muro, certamente teria a compaixão de me resgatar.

Porém, apesar de haver muita atividade na entrada principal do edifício, ninguém entrou ou saiu através do portão ao meu lado, e o muro era tão alto, que os transeuntes no passeio quase não me conseguiam ver. Os poucos que olharam na minha direção aparentemente não repararam em mim. À medida que o tempo passava e o sol deslizava em direção à linha do horizonte, dei-me conta de que ficaria ali a noite toda se ninguém viesse em meu auxílio. Deixei escapar um miado melancólico, mas contido: sabia bem que muitas pessoas não gostam de gatos, e captar a sua atenção só serviria para piorar a minha situação.

No entanto, não precisava de me preocupar com atenção indesejável, já que não estava a receber qualquer atenção. No Café-Livraria Himalaias, até podia ser reverenciada como a Gata de Sua Santidade, a Gata do Dalai Lama, mas neste lugar, desconhecida e manchada de especiarias, era completamente ignorada.



Caro leitor, vou poupá-lo do relato completo das horas seguintes que passei em cima do muro e dos olhares indiferentes e sorrisos incompreensíveis que fui obrigada a suportar, juntamente com as pedras atiradas por dois pirralhos entediados no seu caminho para casa. Foi depois de anoitecer, estava eu fatigada de cansaço, que reparei numa mulher que caminhava do outro lado

da rua. Não a reconheci inicialmente, mas havia qualquer coisa nela que me deu a sensação de que devia ser ela a salvar-me.

Miei em súplica. Ela atravessou a estrada. Quando se aproximou, percebi que era Serena Trinci, a filha da Dona Trinci, a *chef* VIP de Sua Santidade e a minha mais fervorosa admiradora em Namgyal. Promovida recentemente a gerente executiva do Café-Livraria Himalaias, Serena devia ter trinta e poucos anos. Esbelta, com o seu cabelo negro preso num rabo de cavalo, estava vestida com as suas roupas de ioga.

— Rinpoche! — exclamou ela, com um ar que aparentava horror. — O que é que estás a fazer aí em cima?

Apenas nos tínhamos encontrado duas vezes no café, pelo que fiquei imensamente aliviada quando me reconheceu. Em pouco tempo, ela tinha arrastado um contentor do lixo que estava perto do muro e subido para ao pé de mim. Ao tomar-me nos seus braços, Serena não pôde deixar de reparar no estado sujo do meu pelo salpicado de especiarias.

— O que aconteceu, pobrezinha? — perguntou ela, absorvendo as manchas coloridas e os aromas pungentes ao apertar-me nos seus braços. — Deves ter estado metida em algum sarilho.

Ao aninhar o meu rosto no seu peito, senti-me envolvida pela fragrância quente da sua pele e pelo batimento tranquilizante do seu coração. Passo a passo, a caminho de casa, o meu alívio aprofundou-se, dando lugar a algo mais forte: um grande sentimento de ligação.



Tendo passado a maior parte da sua vida adulta na Europa, Serena tinha regressado a McLeod Ganj — a parte de Dharamsala onde o Dalai Lama vive — apenas algumas semanas antes. Tinha crescido aqui, num lar dedicado à comida. Por isso,

a seguir ao ensino secundário, fora para uma escola de culinária em Itália e trabalhara como *chef*, ascendendo na hierarquia de alguns dos melhores restaurantes europeus. Tinha deixado recentemente o seu lugar como *chef* de cozinha no icónico Hotel Danieli, em Veneza, para trabalhar num restaurante de Mayfair, uma zona sofisticada de Londres.

Eu sabia que Serena era ambiciosa, enérgica e extremamente talentosa, e tinha-a ouvido explicar a Franc, o proprietário do Café-Livraria Himalaias, que tinha sentido necessidade de fazer uma pausa da azáfama da restauração. Estava esgotada devido ao stress implacável e era altura de descansar e recarregar baterias: quando regressasse a Londres, dentro de seis meses, assumiria um dos trabalhos mais prestigiados da cidade.

Mal sabia ela que o seu regresso a casa iria coincidir com a altura exata em que Franc precisava de alguém para tomar conta do café. Franc ia regressar a São Francisco para cuidar do pai, que estava gravemente doente. Embora gerir qualquer tipo de negócio relacionado com comida não estivesse nos planos de férias de Serena, comparativamente ao que ela estava habituada, ficar responsável pelo Café-Livraria Himalaias assemelhava-se a um trabalho em tempo parcial. O café estava aberto durante a hora de jantar apenas de quinta-feira a sábado, e com Kusali, chefe dos empregados de mesa, a supervisionar o serviço diurno, as exigências sobre Serena não seriam muitas. Franc assegurou-lhe que ia ser divertido e dava-lhe algo com que se ocupar.

Mais importante, ele precisava de alguém que tomasse conta dos seus dois cães. *Marcel*, o buldogue francês, e *Kyi Kyi*, o *lhasa apso*, eram os outros dois *habitués* não humanos do café, que dormitavam a maior parte do dia na sua cesta de vime sob o balcão da receção.

No espaço de duas semanas, a presença de Serena no café já deixava a sua marca; ao conhecê-la, todas as pessoas ficavam

imediatamente enfeitiçadas. Os frequentadores do café não conseguiam evitar reagir à sua vitalidade: sabia como transformar uma saída noturna numa noite memorável. Ao deambular pelo café, a sua personalidade calorosa e otimista tinha cativado rapidamente os empregados de mesa, que faziam de tudo para a agradar. Sam, o gerente da livraria, estava claramente encantado com ela, e Kusali, alto e astuto, recebeu-a sob a sua asa paternal.

Estava a descansar no meu lugar habitual — a prateleira superior do expositor de revistas, entre a *Vogue* e a *Vanity Fair* — quando Franc me apresentou a Serena como «Rinpoche». Pronunciado *rin-po-xei*, significa «o precioso» em tibetano e é um título honorífico dado a professores budistas tibetanos. Serena tinha reagido à apresentação aproximando-se e fazendo uma festa no meu rosto.

— É absolutamente adorável! — foi tudo o que disse.

Os meus olhos de lápis-lazúli cruzaram-se com os seus olhos escuros reluzentes e houve um momento de reconhecimento. Tomei consciência de algo que é da maior importância para os gatos, algo que sentimos inatamente: estava na presença de uma amante de gatos.



Agora, na sequência do meu encontro com os cães e a loja de especiarias, Serena, com a ajuda de Kusali e alguns panos quentes e húmidos, limpava cuidadosamente as especiarias que tinham ficado alojadas no meu pelo espesso. Estávamos na lavandaria do restaurante, uma pequena divisão atrás da cozinha.

— Não é lá muito bom para a Rinpoche — comentou Serena, enquanto removia com grande delicadeza uma mancha escura de uma das minhas botas cinzentas —, mas adoro o cheiro

de todas estas especiarias. Fazem-me lembrar a nossa cozinha lá em casa quando eu era miúda: canela, cominhos, cardamomo, cravinho, os sabores maravilhosos do *garam masala*¹ que usávamos no caril de galinha e noutros pratos.

— Fazia caril, Menina Serena? — Kusali estava surpreendido.

— Foi assim que comecei na cozinha — respondeu-lhe ela.

— Eram esses os sabores da minha infância. Agora, a Rinpoche está a trazê-los todos de volta.

— Os nossos estimados clientes perguntam frequentemente se temos pratos indianos no menu, senhora.

Não faltavam quiosques, cozinhas de rua e restaurantes formais em Dharamsala. Porém, como Kusali observou, «as pessoas procuravam um fornecedor confiável».

— Tens razão — concordou Serena. E a seguir, após uma pausa, acrescentou: — Mas o Franc foi bastante claro relativamente a manter-se o menu.

— E devemos respeitar os seus desejos — enfatizou Kusali — nas noites em que o café está habitualmente aberto.

Houve uma pausa, enquanto Serena removia vários grãos de pimenta que se haviam alojado na minha espessa cauda e Kusali limpava timidamente o meu peito de um respingo berrante de colorau.

Quando Serena voltou a falar, havia um sorriso na sua voz.

— Kusali, estás a tentar dizer o que estou a pensar?

— Desculpe, senhora, não estou a compreender.

— Estás a tentar dizer que podemos abrir a uma quarta-feira, por exemplo, para experimentarmos alguns pratos de caril?

Kusali olhou-a com uma expressão de admiração e um largo sorriso.

¹ Mistura de especiarias moídas típica da culinária indiana e encontrada noutros países asiáticos. [N. da T.]

— Uma excelente ideia, senhora!

Nós, gatos, não temos predileção por água, e um gato húmido é um gato infeliz. Serena sabia disso, então, assim que ela e Kusali acabaram de limpar o meu pelo, para este se aproximar da sua condição original habitual, Serena secou-me com uma toalha especialmente escolhida pela sua suavidade, antes de pedir a Kusali para trazer alguns pedaços de peito de frango para me mimar, até me levar para casa, em Jokhang.

Sendo uma noite de segunda-feira, o restaurante estava fechado, mas Kusali encontrou alguns pedaços deliciosos no frigorífico e aqueceu-os ligeiramente antes de os colocar na pequena tigela de porcelana, mantida exclusivamente para mim. Por força do hábito, levou-a para o lugar habitual nas traseiras do café, e Serena seguiu-o comigo nos braços.



Embora o café estivesse na penumbra, Sam Goldberg, o gerente da livraria, recebia naquela noite uma reunião do clube de leitura. Deixando-me com o jantar, que eu ataquei com gosto, Serena e Kusali foram para a secção da livraria do café, onde estavam 20 pessoas sentadas em cadeiras dispostas em filas a assistir a uma apresentação de slides.

— Esta é uma ilustração do futuro, de um livro escrito no final da década de cinquenta — dizia uma voz masculina.

A cabeça rapada, os óculos com aros de metal e a barbicha do orador davam-lhe um ar atrevido, ampliando a sua aura de malícia. Reconheci imediatamente aquela cara. Sam tinha pendurado um cartaz dele na livraria várias semanas antes, juntamente com uma citação da *Psychology Today* que descrevia o homem — um psicólogo bastante conhecido — como «um dos maiores pensadores do nosso tempo».

Foi quando reparei em Sam, de pé, na parte de trás, a cumprimentar os convidados que chegavam atrasados. Bonito e jovial, Sam tinha uma testa alta, cabelo escuro encaracolado e olhos castanhos que, por detrás dos seus óculos algo excêntricos, transmitiam uma inteligência brilhante, juntamente com uma curiosa falta de autoconfiança. Tal como Serena, Sam estava a trabalhar no Café-Livraria Himalaias havia pouco tempo, embora no seu caso se tratasse de um trabalho a tempo inteiro.

Sam tinha-se feito cliente regular do café vários meses antes e, quando Franc o questionou a respeito dos livros e downloads que eram alvo da sua atenção constante, Sam explicou-lhe que tinha trabalhado numa grande livraria de Los Angeles até esta ter fechado recentemente. Isto captou imediatamente a atenção de Franc, que andava a pensar em converter o espaço subaproveitado do Café Franc — como era conhecido então — numa livraria, mas precisava de alguém com experiência para o concretizar. Se alguma vez houve uma situação da pessoa certa no lugar e momento certos, este era o caso.

Porém, foi preciso alguma persuasão. Sam ainda estava a tratar das feridas resultantes do fecho da livraria americana e não se julgava à altura do trabalho. Franc teve de recorrer a todo o seu charme — auxiliado pelas consideráveis capacidades de persuasão do seu lama, o Geshe Wangpo — para convencer Sam a ceder e a montar a secção de livros do Café-Livraria Himalaias.

— Tendo presente que, a partir de uma perspectiva de 1950, hoje é o futuro — continuou o orador convidado de Sam —, alguém se importaria de comentar a respeito da precisão da visão do autor?

Houve gargalhadas na plateia. A imagem no ecrã era de uma dona de casa a limpar o pó, enquanto o marido estacionava o seu carro antigravidade, depois de ter descido de um céu repleto de carros voadores e de pessoas com mochilas a jato às costas.

— O penteado à Lucille Ball não é lá muito futurista — comentou uma das mulheres na plateia, provocando mais riso.

— As roupas — disse outra pessoa, provocando mais gargalhadas. A mulher numa saia rodada e o marido com umas calças afuniladas claramente não se pareciam com ninguém dos dias de hoje.

— Então, e as mochilas a jato? — contribuiu outra pessoa.

— É verdade — concordou o orador. — Continuamos à espera delas. — Projetou mais algumas imagens. — Estas mostram como as pessoas na década de cinquenta pensavam que seria o futuro. E o que faz com que estas imagens estejam tão encantadoramente erradas não é apenas o que aparece nelas, é também o que *não* aparece. Digam-me o que falta nesta imagem — disse ele, parando na representação artística de uma paisagem urbana de 2020, com passeios sob a forma de tapetes rolantes que transportavam os peões.

Mesmo eu, absorvida como estava no meu jantar de frango, achei a imagem no ecrã surreal por razões que não conseguia perceber muito bem. Houve uma pausa antes de alguém observar:

— Não há telemóveis.

— Não há mulheres executivas — comentou outra pessoa.

— Não há pessoas com outras cores de pele — disse alguém.

— Não há tatuagens — acrescentou outra pessoa, enquanto a plateia começava a reparar em cada vez mais coisas.

O orador esperou algum tempo para as imagens serem absorvidas.

— Podemos afirmar que a diferença entre a forma como as coisas eram na década de cinquenta e a forma como as pessoas imaginavam o futuro se resumia àquilo a que prestavam atenção. Por exemplo, carros antigravidade ou passeios transportadores. Imaginavam que tudo o resto seria igual.

Houve uma pausa, enquanto a audiência processava o que tinha acabado de ser dito.

— Esta, meus amigos, é uma das razões pelas quais somos todos tão maus a prever como nos sentiremos a respeito de certas coisas no futuro, particularmente no que diz respeito ao que nos faz felizes. É porque imaginamos que tudo na nossa vida permanecerá igual, exceto a única coisa em que estamos focados.

» Alguns chamam a isto «presentismo», a tendência para pensar que o futuro será exatamente como o presente, mas com uma diferença particular. A nossa mente é muito boa a preencher tudo o resto, menos essa diferença, quando pensamos no amanhã. E o material que usamos para o preencher é o presente, como ilustram estas imagens.

» A pesquisa revela que quando fazemos previsões sobre a forma como nos sentiremos a respeito de eventos futuros, não nos apercebemos de que a nossa mente nos prega esta partida de «preenchimento». Em parte, é por isso que achamos que conseguir aquele emprego naquele escritório nos vai proporcionar um sentimento de êxito e realização, ou que conduzir um automóvel caro será uma fonte de alegria. Julgamos que a nossa vida será exatamente a mesma que é agora, com esse ponto de diferença, mas a realidade, conforme vimos — o orador gesticulou em direção ao ecrã —, é muito mais complexa. Por exemplo, não imaginamos a grande mudança no equilíbrio entre vida pessoal e trabalho que acompanha esse emprego naquele escritório ou a ansiedade que sentiremos com os arranhões e amolgadelas infligidos no novo carro, para não falar da dor provocada pelo pagamento mensal das prestações.

Podia ter ficado mais tempo a escutar o orador, mas Serena queria ir para casa e ia garantir que eu regressaria a Jokhang em segurança. Transportando-me nos seus braços, saiu pela

porta das traseiras do café e fez a curta caminhada até à estrada. Em Namgyal, atravessámos o pátio em direção à residência de Sua Santidade, onde Serena se baixou e me pousou como se fosse uma porcelana delicada nos degraus da entrada principal.

— Espero que te estejas a sentir melhor, pequena Rinpoche — murmurou ela, passando com os dedos pelo meu pelo, que estava agora quase seco. Adorei a sensação das suas longas unhas a massajarem a minha pele. Aproximando-me, lambi-lhe a perna com a minha língua áspera. Ela riu-se. — Oh, minha pequenita, também gosto muito de ti!



Chogyal, um dos assistentes de Sua Santidade, tinha deixado jantar para mim no andar de cima, no mesmo lugar de sempre, mas como eu já tinha comido no café, não tinha muita fome. Depois de lamber um pouco de leite sem lactose, encaminhei-me para os aposentos privados que partilhava com Sua Santidade. O quarto onde ele passava a maior parte do dia estava silencioso e iluminado apenas pela lua. Fui para o meu lugar favorito no parapeito da janela. Ainda que o Dalai Lama estivesse na América, a muitos quilómetros de distância, sentia a sua presença como se estivesse bem ao meu lado. Talvez fosse o feitiço do luar, que cobria tudo no quarto de uma monocromia etérea, mas fosse qual fosse a razão, sentia uma profunda sensação de paz. Era a mesma sensação de bem-estar que sentia sempre que estava com ele. Acho que o que ele me tentou dizer quando estava de partida foi que este fluxo de serenidade e benevolência é algo a que qualquer um de nós se pode ligar. Apenas precisamos de nos sentar tranquilamente.

Comecei a lamber a minha pata e a lavar o meu rosto pela primeira vez desde os horrores da tarde. Ainda podia ver os cães a

perseguiem-me, mas agora era como se estivesse a imaginar eventos que tinham acontecido a outro gato qualquer. Aquilo que parecera tão avassalador e traumático no momento em que ocorrera tinha-se transformado apenas numa memória na tranquilidade de Namgyal.

Lembrei-me do psicólogo no café, a descrever como muitas vezes as pessoas conhecem mal o que as fará felizes. As suas ilustrações eram intrigantes e, enquanto ele falava, houve outra coisa que me impressionou na sua mensagem: era bastante familiar, porque o Dalai Lama costumava dizer a mesma coisa. Ele não usava palavras como «presentismo», mas o seu significado era idêntico. Sua Santidade também costumava observar como dizemos a nós próprios que a nossa felicidade depende de certas situações, relacionamentos ou concretizações. Como julgamos que seremos infelizes se não obtivermos o que queremos. Do mesmo modo, apontava o paradoxo que era não atingirmos a felicidade que esperamos mesmo quando *obtemos* o que queremos.

Ao instalar-me no parapeito, observei a noite. Quadrados de luz cintilavam na escuridão das residências dos monges. Flutuavam aromas através da janela do primeiro andar que insinuavam a preparação de refeições noturnas nas cozinhas do mosteiro. Escutei o som baixo dos cânticos proveniente do templo, onde os monges mais velhos terminavam a sua sessão de meditação do final do dia. Apesar do trauma da tarde e do regresso a uma casa vazia e às escuras, quando me sentei no parapeito com as patas aninhadas debaixo do meu corpo, senti uma satisfação tão profunda, que jamais poderia ter previsto.



Os dias seguintes foram de grande atividade no Café-Livraria Himalaias. A juntar-se à correria habitual, Serena estava a

desenvolver rapidamente as suas ideias para uma noite de caril. Consultou os *chefs* de cozinha Jigme e Ngawang Dragpa, irmãos nepaleses, que ficaram muito contentes por partilharem as receitas favoritas da sua própria família. Vasculhou, ainda, a Internet à procura de tesouros raros para acrescentar ao seu já completo livro pessoal de receitas favoritas.

Numa noite de segunda-feira, Serena convidou um grupo de amigos com quem tinha crescido em McLeod Ganj, para provarem alguns dos pratos de caril que ela tinha redescoberto ou reinventado. Da cozinha, vinha uma mescla de especiarias sedutoras nunca antes combinadas em tal gloriosa profusão no café — coentros e gengibre fresco, colorau e pimenta, *garam masala*, grãos de mostarda e noz-moscada.

A trabalhar na cozinha pela primeira vez desde que regressara da Europa, Serena estava no seu elemento, a preparar chamuças vegetarianas crocantes, a retirar do forno porções generosas de *naan* — o pão achatado indiano — e a decorar tigelas de latão de caril *madras* com espirais de iogurte. Serena recordava a pura alegria da criação, a paixão que a tinha levado a querer ser *chef* profissional. Fazer experiências com uma paleta inteira de sabores era algo em que não se aventurava há quinze anos.

Os amigos de Serena sentiram-se gratos, mas fizeram críticas construtivas. Tal era o seu entusiasmo, que, por altura do último *kulfi*² de pistácio e cardamomo ter sido comido e o último copo de *tchai*³ ter sido bebido, a ideia da noite de caril tinha evoluído para algo muito mais extravagante: um banquete indiano.



2 Sobremesa indiana gelada à base de leite. [N. da T.]

3 Ou *masala tchai*, trata-se de uma mistura de chá com especiarias e ervas aromáticas. [N. da T.]

Fui a testemunha principal do banquete inaugural menos de duas semanas mais tarde. Presença permanente no Café-Livraria Himalaias, como poderia não o ser? Além disso, Serena tinha-me prometido uma porção generosa do seu delicioso caril de peixe malabar.

Nunca se tinham juntado tantos comensais no restaurante de uma só vez. O evento tornara-se tão popular, que tiveram de ser trazidas mesas extra da zona da livraria e foram contratados dois empregados de mesa adicionais para a noite. A juntar aos residentes locais que eram clientes regulares do café, havia a família e os amigos de Serena, muitos dos quais a tinham conhecido quando ela era criança. A mãe de Serena, teatral e no centro das atenções, no seu xaile indiano multicolor e pulseiras douradas a tilintar nos pulsos, piscava com orgulho os seus olhos cor de âmbar, enquanto assistia à sua filha a coreografar a noite.

Como que para compensar a vivacidade italiana, na mesa ao lado da Dona Trinci havia um grupo mais calmo do escritório do Dalai Lama, incluindo os assistentes executivos de Sua Santidade, Chogyal e Tenzin, juntamente com a mulher de Tenzin, Susan, e o tradutor de Sua Santidade, Lobsang.

Chogyal, afetuoso e de mãos suaves, era o meu monge favorito, a seguir ao Dalai Lama. Com uma sabedoria que ia muito além dos anos que levava a lidar com os assuntos monásticos, por vezes muitos complicados, Chogyal era de grande ajuda para Sua Santidade. Também era responsável por me alimentar quando o Dalai Lama estava longe, um dever que cumpria meteticulosamente.

Tinha sido Chogyal quem, um ano antes, se havia voluntariado para me levar para casa com ele, enquanto os aposentos do Dalai Lama estavam a ser remodelados. Depois de o atacar por ter tido a ousadia de me afastar de tudo o que me era familiar, eu passara três dias de mau humor debaixo dos cobertores, para vir

a descobrir que tinha estado a perder um entusiasmante mundo novo, um mundo habitado por um magnífico gato tigrado que viria a ser o pai dos meus gatinhos. Durante todas estas aventuras, Chogyal fora um amigo paciente e devotado.

Do outro lado da secretária dele, no escritório dos assistentes executivos, sentava-se Tenzin, um diplomata elegante cujas mãos cheiravam sempre a sabão carbólico. Tinha sido educado na Grã-Bretanha, e eu aprendi a maior parte do que sabia sobre a cultura europeia nas horas de almoço, na sala de primeiros socorros, a ouvir a emissão de rádio da BBC internacional com Tenzin.

Eu não conhecia a mulher de Tenzin, Susan, mas estava à vontade com o tradutor de Sua Santidade, Lobsang, um jovem monge muito sereno. Lobsang e Serena conheciam-se há muito tempo, tendo crescido juntos em McLeod Ganj. Membro da família real do Butão, Lobsang era monge noviço em Namgyal quando a Dona Trinci precisou de mais assistentes para a cozinha. Lobsang e Serena tinham sido convocados, e daí nasceu uma estreita e maravilhosa amizade, motivo pelo qual Lobsang também estava presente no banquete indiano.

Para a noite do banquete, Serena tinha transformado o café numa sala de jantar sumptuosa, com toalhas de mesa profusamente bordadas e cobertas de lantejoulas, onde tinha disposto bandejas de condimentos requintadamente esculpidas. Agrupadas em cada lugar, estavam pequenas velas reluzentes em castiçais de bronze com a forma de flores de lótus.

Música *trance* indiana expandia-se e diminuía hipnoticamente em pano de fundo, enquanto um desfile de pratos surgia da cozinha. Desde as *pakor*⁴ de vegetais à galinha com manga, cada um dos pratos era recebido com êxtase. Quanto ao caril de peixe malabar,

⁴ Fritos da culinária indiana, à base de vegetais, ervas e especiarias. [N. da T.]

pude prová-lo. O peixe era leve e succulento, o molho deliciosamente cremoso, com a quantidade certa de coentros, gengibre e cominhos, que lhe conferiam um toque delicioso. Em poucos minutos, não só tinha comido a minha porção, como também limpad o prato.

No centro da ação, estava Serena, magistralmente ao comando. Tinha vestido um sari carmim, especialmente para a ocasião, e usava maquilhagem *kohl*, brincos longos e um colar cintilante. Ia de mesa em mesa, à medida que a noite progredia, e não pude deixar de reparar em como as pessoas se sentiam tocadas pelo seu coração caloroso. Durante o tempo que passava com elas, fazia com que se sentissem o centro do seu mundo, e Serena, por sua vez, era movida pela efusão de afeto que recebia.

— É maravilhoso que estejas de volta, minha querida — disse-lhe uma senhora mais velha, amiga da família. — Adoramos as tuas ideias e a tua energia.

— Precisávamos de alguém como tu em Dharamsala — disse-lhe uma colega de turma dos tempos de escola. — As pessoas mais talentosas estão a ir-se embora, por isso estimamos quem volta, mais do que possas imaginar.

Várias vezes durante a noite, vi o lábio de Serena tremer de emoção, enquanto levava um lenço ao canto do olho. Estava a acontecer algo especial no Café-Livraria Himalaias, algo que ia além do banquete indiano e que se revestia de um enorme significado pessoal.

A pista chegou várias noites mais tarde.



Ao longo das últimas semanas, tinha vindo a desenvolver-se uma intrigante relação de trabalho entre Serena e Sam. A vivacidade de Serena era o complemento perfeito para a timidez de Sam.

O mundo intelectual de Sam era equilibrado pelo mundo pragmático da comida habitado por Serena, e saber que Serena era apenas uma temporária que regressaria à Europa em poucos meses conferiu ao tempo que passavam juntos uma qualidade efêmera agri-doce.

Haviam adquirido o hábito de terminar as noites em que o café estava aberto à hora de jantar num determinado ponto da secção da livraria. Dois sofás dispostos em cada um dos lados de uma mesa de café eram o local perfeito para analisar o último comensal do restaurante e conversar sobre o que quer que estivesse nas suas mentes.

Já não era preciso fazer o pedido a Kusali, o empregado de mesa chefe. Pouco tempo depois de se sentarem, Kusali levava-lhes um tabuleiro com dois chocolates quentes belgas, um com *marshmallows*, para Serena, outro com *biscotti*, para Sam. O tabuleiro trazia também uma tigela com quatro biscoitos para cão e, se eu estivesse ainda pelo café, uma pequena taça de leite sem lactose.

O tilintar suave do prato sobre a mesa do café era a deixa para *Marcel* e *Kyi Kyi*, que haviam permanecido obedientemente no seu cesto sob o balcão durante a hora de jantar. Os dois cães precipitavam-se do cesto, a correr pelo restaurante e escadas acima, antes de se sentarem junto à mesa, com as cabeças inclinadas e os olhos suplicantes. A sua ânsia deixava sempre um sorriso no rosto dos seus dois companheiros humanos, que os ficavam a observar a devorar os seus biscoitos, farejando todas as migalhas no chão.

Eu preferia fazer o meu caminho de uma forma mais agradável, levando algum tempo a espreguiçar-me, antes de descer da prateleira das revistas para me juntar aos outros.

Depois de comerem os seus biscoitos, os cães saltavam para cima do sofá, deitando-se de costas, um de cada lado de Sam, em ansiosa antecipação de uma festa na barriga. Eu ocupava

o meu lugar no colo de Serena, amassando qualquer que fosse o vestido que ela estivesse a usar e oferecendo-lhe um ronronar de apreciação.

— Já há uma data de reservas para o nosso próximo banquete — disse Serena a Sam naquela noite, depois de estarmos os cinco instalados.

— Isso é ótimo! — respondeu Sam, bebericando o seu chocolate quente contemplativamente. — J-já decidiste quando é que vais contar ao Franc?

Serena não havia decidido. Ainda em São Francisco, Franc não sabia nada sobre a experiência do banquete indiano da última quarta-feira. Serena agarrava-se à sabedoria de que por vezes é melhor pedir perdão do que permissão.

— Pensei em deixá-lo ter uma agradável surpresa quando receber a contabilidade mensal — respondeu Serena.

— Vai ter uma surpresa, vai — concordou Sam. — Foi a maior receita numa noite desde que o café abriu, e melhorou tudo desde então. O espaço está mais vibrante, há mais entusiasmo.

— Também achei isso — disse Serena —, mas questionei-me se seria a única.

— Não, o espaço mudou — insistiu Sam, olhando-a nos olhos durante apenas dois segundos. — E tu também mudaste.

— Oh! — respondeu ela, a sorrir. — De que forma?

— Tens uma... energia. Uma a-alegria de vi-viver.

Serena anuiu.

— Realmente, sinto-me diferente. Tenho pensado em como durante todos aqueles anos a gerir alguns dos mais sofisticados restaurantes da Europa nunca me diverti tanto como na última noite de quarta-feira. Nunca imaginei que pudesse ser tão gratificante!

Sam refletiu por um momento antes de comentar:

— Como disse aquele psicólogo no outro dia, por vezes é difícil prever o que nos irá fazer felizes.

— Exato. Começo a questionar se ser *chef* num dos principais restaurantes de Londres será realmente aquilo que quero fazer a seguir.

Eu estava a olhar para Sam quando Serena disse isto e observei uma mudança na sua expressão. Um brilho surgiu nos seus olhos.

— Se eu voltar a fazer a mesma coisa — continuou Serena —, provavelmente produzirá o mesmo resultado.

— Mais stress e e-esgotamento?

Serena anuiu.

— É claro que também há recompensas, mas são muito diferentes das de aqui.

— Achas que teres cozinhado para a família e os amigos fez diferença? — sugeriu Sam. A seguir, com um olhar malicioso, acrescentou: — Ou foi o despertar do caril dentro de ti?

Serena riu-se.

— Ambos. Sempre adorei caril. Ainda que nunca venha a ser alta culinária, adoro cozinhar caril por causa dos diversos sabores, e é muito nutritivo. Mas, além disso, senti que a última quarta-feira foi realmente especial para as pessoas.

— Concordo — retorquiu Sam. — O espaço estava com uma ótima energia.

— Há algo de muito gratificante quando podemos fazer o que realmente tem importância para nós e isso é apreciado pelos outros.

Sam parecia pensativo antes de pousar a sua caneca, levantando-se do sofá e aproximando-se de uma estante. Voltou com uma edição de bolso do livro *O Homem em Busca de um Sentido*, do psicólogo austríaco e sobrevivente do Holocausto Viktor Frankl.

— O que acabaste de me dizer lembrou-me algo — disse Sam, abrindo o livro no prefácio. — «Não vise o sucesso» — leu ele.

— «Quanto mais o visar e o tiver como uma meta, mais o perderá. O sucesso, tal como a felicidade, não pode ser perseguido; deve ocorrer (...) enquanto efeito colateral da dedicação a um caminho maior do que o indivíduo.»

Serena anuiu.

— De alguma forma, penso que é o que tenho vindo a descobrir. — Durante um momento olharam-se nos olhos. — E da forma mais estranha possível.

Sam estava curioso.

— O que é que queres dizer com isso?

— Bem, a ideia do banquete indiano só ocorreu devido a uma conversa ocasional com Kusali, que apenas aconteceu porque encontrei a pequena Rinpoche em apuros.

Sam sabia da tarde em que eu ficara presa no muro. Houve muita especulação sobre a forma como eu teria ido lá parar, nenhuma correta.

— Poder-se-ia dizer que tudo isto aconteceu só por causa da Rinpoche — disse Serena, olhando para baixo em adoração e acariciando-me.

— Rinpoche, a catalisadora — comentou Sam.

Enquanto os dois se riam, pensei em como ninguém, muito menos eu, poderia alguma vez ter adivinhado a cadeia de eventos que seria desencadeada pela minha decisão naquela tarde de segunda-feira de virar à esquerda, em vez de virar à direita, quando saí do café. Nem qualquer um de nós teria acreditado no que estava por vir. O que tinha acontecido até ao momento acabou por ser apenas o começo de uma história muito maior, uma história em que muitas dimensões de felicidade estavam prestes a emergir sob a forma de efeitos colaterais não intencionais, mas muito gratificantes.

Imprevisível? Certamente. Revelador? Indubitavelmente!



Antes de partir em viagem pela América, o Dalai Lama apresenta um desafio à sua amada gata: **descobrir a verdadeira causa da felicidade**. Mal sabe ela que aventuras tal missão irá trazer!

Uma perseguição através das ruas de McLeod Ganj conduz a uma revelação inesperada sobre os riscos da auto-obsessão. Um encontro com o místico logue Tarchin inspira uma descoberta reveladora sobre o seu passado — com implicações dramáticas para todos. E conversas entre psicólogos, lamas e escritores famosos ajudam-na a explorar a convergência entre ciência e budismo quanto ao tema da felicidade.

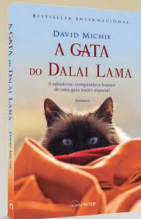
Repleto de sabedoria e vivacidade, *A Gata do Dalai Lama e a Arte de Ronronar* desvenda de forma encantadora a verdadeira causa por detrás do ronronar, ou seja, **aquilo que nos faz felizes**.

O Dalai Lama sussurra este segredo ao regressar a casa — somente para os ouvidos da sua gata e daqueles com quem ela partilha a sua história: os leitores!

O QUE O FAZ RONRONAR?

De todas as perguntas, esta é a mais importante,
pois quer sejamos um gatinho brincalhão ou um idoso sedentário,
um vagabundo ou uma rapariga da alta sociedade, sejam quais forem
as nossas circunstâncias, **o que desejamos é ser felizes**.
Não o tipo de felicidade intermitente, como uma lata de atum,
mas uma felicidade duradoura. **O tipo de felicidade profunda
que nos faz ronronar do fundo do coração.**

CONHEÇA A PRIMEIRA
AVENTURA DA GATA MAIS
AMADA DO MUNDO:



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.nascente.pt

nascente
o curso da sua vida

9789896683870

ISBN 978-989-668-387-0



9 789896 683870

Ficção inspiracional